

## Artigo Original

# A relação entre gênero e violência: uma revisão narrativa

## RESUMO

O interesse em se estudar acerca de que forma os relacionamentos abusivos são perpassados pelo gênero se deu por meio do contato com fatos da realidade social, seja em discussão acerca do feminicídio, seja em relato constante de mulheres que foram vítimas de agressão por parte do parceiro. Assim, nossa proposta de estudo tem por objetivo analisar como relacionamentos abusivos são perpassados pelo gênero. Na tentativa de dar contorno à proposta, realizou-se uma revisão narrativa de literatura, tendo em vista que ela possibilita o acesso ao material já produzido e analisado sob o aspecto científico, possibilitando, também, uma multiplicidade de fontes. Enquanto resultado, compreendemos que os modos de socialização construídos historicamente acabam naturalizando os modos de violência, atribuindo ao homem e à mulher determinados lugares sociais, sustentando-se pela desigualdade de gênero, validando, assim, suas manifestações. Conclui-se que, socializados em uma cultura que assenta a mulher em um lugar desfavorecido, os homens não se reconhecem enquanto agressores, antes atribuem a elas responsabilidade por seus atos.

**Palavras-chave:** violência; gênero; relacionamento abusivo.

## 1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade pautada em uma lógica patriarcal, em que o homem passa a ser o detentor de uma forma de poder perante a mulher, encarada em um papel de subalternidade. Esse processo não é recente, materializando-se na constituição da tessitura das relações sociais e, nesse sentido, sendo um dos vetores para a constituição da subjetividade de homens e mulheres que, quando a utilizam enquanto balizas, acabam naturalizando ou mesmo romantizando as situações de dominação e violência.

Dessa forma, para se aproximar da realidade ora em tela, é importante que discutamos acerca dos espectros de gênero e violência e da relação existente entre eles. Nesses termos, o gênero corresponderá a um processo de socialização dos sujeitos em que balizará os seus modos de pensar e agir em uma sociedade. Refere-se, para além dos aspectos biológicos, a determinados papéis que homens e mulheres devem desempenhar na cultura, atribuindo-lhes determinados locais sociais, perpassando, assim, suas

Antônio Dário Lopes Júnior  
Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará e Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza - CE - BR.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7213-9840>.

Sara Ferreira de Lima  
Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Christus (Unichristus). Fortaleza - CE - BR.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4474-1065>.

Yohanna Braz Andrade  
Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Christus (Unichristus). Fortaleza - CE - BR.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7413-792X>.

Autor correspondente:  
Antônio Dário Lopes Júnior  
E-mail: [adlopesjunior@hotmail.com](mailto:adlopesjunior@hotmail.com)

Submetido em: 18/12/2023  
Aprovado em: 17/01/2024

LOPES JÚNIOR, Antônio Dário;  
LIMA, Sara Ferreira de; ANDRADE,  
Yohanna Braz. A relação entre gênero  
e violência: uma revisão narrativa.  
**Revista Interagir**, Fortaleza, v. 20,  
n. 128, p. 24-26. 2025.

subjetividades, estruturando uma relação de poder na qual o homem é colocado em um lugar superior à mulher, cabendo-lhe a submissão (Machado *et al.*, 2021).

A violência, partindo do entendimento de gênero, é vivida singularmente por cada “vítima”, sendo perpassada diretamente também pelos marcadores de raça, classe e cultura, não sendo possível uma análise descontextualizada das mulheres vítimas de violência, articulando-se com a discriminação que mulheres pretas vivenciam na cultura, Batista *et al.* (2020). Uma vez que a preconceito se faz estrutural e socialmente, a violência com a mulher preta, por vezes, é naturalizada, requerendo amparo e medidas sociais para enfrentamento.

Segundo Batista *et al.* (2020), a naturalização exime o social da responsabilidade no que se refere ao fenômeno da violência, fazendo que permaneça na esfera privada, atribuindo à mulher a responsabilidade de viver uma configuração do relacionamento abusivo, ocorrendo, como consequência, o uso de medicamentos, substâncias psicoativas, além das marcas psicológicas devido à violência sofrida.

Partindo desse entendimento, o presente estudo cogita mapear, na literatura, de que forma os relacionamentos abusivos são perpassados pela questão do gênero.

## 2 METODOLOGIA

Em busca de se efetivar a proposta de nosso estudo, optamos por pautar-nos em uma análise de cunho teórico, realizada por meio da pesquisa bibliográfica,

que, para Marconi e Lakatos (2022, p. 31), configura-se enquanto “um tipo específico de produção científica feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédia, jornais, revistas, resenhas, resumos”. Assim, optamos pela revisão narrativa, por ela conferir uma maior liberdade de escolha, tanto das fontes consultadas quanto do recorte temporal, possibilitando uma visão mais ampla acerca do tema (Rother, 2007).

### 2.1 HISTÓRIA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIA

No que se refere à história das relações de gênero, sinalizamos que, conforme os estudos selecionados, as mulheres são socializadas para um papel historicamente definido por meio do patriarcado, em que o pai/homem ocupa um lugar de autoridade. Logo, por essa razão, estão autorizados a se utilizar da violência para manter esse lugar, utilizando de manipulação emocional, intimidação e medo na manutenção do discurso de cuidado e proteção (Machado *et al.*, 2021).

A naturalização desse poder acaba por submeter crianças a vivenciarem situações de violências que podem relegar a mulher a uma situação de subalternidade, podendo ser vivenciada em diversos relacionamentos.

Corroborando esse entendimento, Batista *et al.* (2020) apontam que as diferenças entre homens e mulheres são pautadas na questão do gênero, relacionando-se com outros elementos

socialmente estruturados, como raça, situação socioeconômica, pertencimento às minorias étnicas, como nos coloca Moroskoski *et al.* (2021), perpassando o sujeito e a sua construção.

Com efeito, Machado *et al.* (2021) e Batista *et al.* (2020) possibilitam-nos compreender que as desigualdades de gêneros, já estruturadas culturalmente, infiltram-se nas dinâmicas familiares, fazendo que seus membros introjetem, naturalizem ou mesmo almejem valores perpassados por tal questão (Machado *et al.*, 2021). Em decorrência desse processo, muitas mulheres, ao naturalizarem o papel da mulher e do homem, buscam relacionamentos em que se expressam as mesmas expectativas dos papéis sociais vigentes, reproduzindo os comportamentos violentos paternos.

Machado *et al.* (2021) ainda apontam que as principais motivações para atos violentos na estrutura conjugal se relacionam com a desobediência ao marido, a não preparação da comida, a falta de cuidado com os filhos e a recusa em ter relações sexuais. Poderíamos inferir que a mulher não é vista enquanto um sujeito, mas como uma propriedade do marido.

Dessa forma, a naturalização da desigualdade de gênero sustenta e justifica a violência contra mulher ao longo da história, antes de biológica, é social, perpassando as gerações, inibindo qualquer movimento de questionamento ou resistência (Machado *et al.*, 2021).

Os achados indicam que a estrutura fornecida pelo patriarcado subjetiva as mulheres, orien-

tando seu modo de existir, pensar, agir e comportar-se em sociedade, levando a uma reprodução do paradigma social. Sabendo que a violência é um fenômeno multifatorial e social, mulheres que possuem determinados marcadores sociais, como situação socioeconômica baixa e raça, estão mais propensas a sofrer violência.

### 3 CONCLUSÃO

Com base no acima exposto, esperamos ter conseguido evidenciar alguns dos recortes que nos possibilitam entender como os relacionamentos abusivos são perpassados pela discussão de gênero. Em nossa forma de sociabilidade, a categoria gênero também se relaciona a uma forma de poder, o qual é conferido ao homem em detrimento da mulher. Dessa forma, essa desigualdade passa a ser invisibilizada ou mesmo romanceada nas discussões sociais.

No entanto, é importante salientar que, ao se colocar em voga a questão da violência atrelada à raça e ao cárcere, o elemento raça se presentifica nos dois seguimentos. Esse aspecto evidencia a desigualdade racial presente em nosso país, em que, aliado à naturalização de situações de violência, temos o encarceramento da população negra.

Por fim, poucos artigos abordam a relação dos homens autores da violência; no entanto, demonstram a necessidade de se trabalhar com esse público, uma vez que é necessário que os homens possam reconhecer as situações em que foram autores de violência.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, V. C.; MARCON, S. S.; PERUZZO, H. E.; RUIZ, A. G. B.; REIS, P. dos; SILVA, A. M. N.; MANDÚ, E. N. T. Prisioneiras do sofrimento: percepção de mulheres sobre a violência praticada por parceiros íntimos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, supl. 73, local. e20190219, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1101549>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MACHADO, Dinair Ferreira; CASTANHEIRA, Elen Rose Lodeiro; ALMEIDA, Margareth Aparecida Santini de. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, supl. 3, p. 5003-5012, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-34787193>. Acesso em: 16 jun. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. L. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2022.

MOROSKOSKI, M.; BRITO, F. A. M.; QUEIROZ, R. O.; HIRAGARASHI, I. H.; OLIVEIRA, R. R. Aumento da violência física contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo: uma análise de tendência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, supl. 3, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/nF8zMFw8XCNzfFMJTnqLLqG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2022.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 15 jun. 2023.